

## Barreiras e vieses cognitivos enfrentados por empreendedoras negras: um estudo teórico<sup>1</sup>

Heila Magali Silva Veiga<sup>2</sup>

Kamila Batista de Melo<sup>3</sup>

Rafaela de Sousa Araújo<sup>4</sup>

Mariana Calixto Tavares<sup>5</sup>

### Resumo

Poucos estudos investigaram as vivências de mulheres negras empreendedoras, aqueles realizados apontam uma diversidade de dificultadores, entre eles as questões relacionadas com gênero, preconceito, sociedade patriarcal, papel esperado da mulher na sociedade, vigorando para as mulheres pretas uma dupla ameaça de estereótipo, a racial e a de gênero. Tais mulheres tendem a empreender por dificuldade, possuem mais dificuldade na obtenção de financiamento, o que evidencia a existência de vieses cognitivos, os quais são atalhos mentais utilizados na tomada de decisão. As barreiras enfrentadas por mulheres negras empreendedoras são permeadas por diversos vieses cognitivos, muitas vezes, tais atalhos de julgamento estão associados com os papéis sociais esperados das mulheres e pelo contexto social desfavorável vivenciado por muitas delas. Ademais, fica evidente que as mulheres negras empreendedoras enfrentam desafios significativos em decorrência de fatores como discriminação racial, gênero, estereótipos e falta de representatividade. Essas barreiras são complexas e interseccionais, resultando da interação entre gênero e raça. É fundamental que as intervenções e as políticas públicas sejam desenvolvidas em diferentes níveis, indo do individual ao societal.

Palavras-Chave: Empreendedorismo por minorias; empreendedoras negras; mulheres negras e negócios; empreendedorismo negro; empreendedorismo por negros.

### 1. Introdução

As mulheres negras enfrentam inúmeras barreiras em diferentes áreas da sociedade, incluindo o mercado de trabalho, a educação, a saúde e a política. Essas barreiras são resultado de uma série de fatores, incluindo a discriminação racial e sexismo, os estereótipos e preconceitos, a falta de representatividade e o acesso limitado a oportunidades educacionais, emprego e promoção profissional, isso para nomear apenas alguns (GUIMARÃES, 1999; RIBEIRO, 2016; SANTOS, 2009; COMBS, 2003). Tratando especificamente do contexto laboral, em decorrência das adversidades, muitas vezes as mulheres negras se tornam

<sup>1</sup>Artigo apresentado no IX Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e VIII Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares, na modalidade online, 2023.

<sup>2</sup>Doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações; Universidade Federal de Uberlândia; Uberlândia, Minas Gerais, Brasil; heila.veiga@ufu.br.

<sup>3</sup>Mestranda em Processos Organizacionais; Programa de Pós-graduação em Psicologia – PGPSI/UFU; Uberlândia, Minas Gerais, Brasil; kamilabmelo@gmail.com.

<sup>4</sup>Graduanda em Psicologia; Universidade Federal de Uberlândia; Uberlândia, Minas Gerais, Brasil; rafaelasaraujo@gmail.com.

<sup>5</sup>Graduanda em Psicologia; Universidade Federal de Uberlândia; Uberlândia, Minas Gerais, Brasil; marianacalixto@gmail.com.

empreendedoras como única estratégia de sobrevivência e geração de renda, todavia ao fazê-lo os estereótipos relacionados a elas permanecem (JACKSON; SANYAL, 2019; SILVA DE OLIVEIRA; SANTOS, 2021). Cabe ressaltar ainda que, no Brasil são escassos os trabalhos que analisam empreendedorismo negro (SILVA DE OLIVEIRA; SANTOS, 2021), menos ainda o empreendedorismo negro feminino. Muitas das dificuldades supracitadas, podem ser relacionadas com vieses cognitivos, os quais também têm um papel importante na perpetuação dessas desigualdades e as pesquisas mostram que mulheres negras sofrem mais com vieses cognitivos que as trabalhadoras brancas (HALL, EVERETT e HAMILTON-MASON, 2011). Os vieses cognitivos são atalhos mentais que nosso cérebro usa para tomar decisões rapidamente, muitas vezes baseados em estereótipos e preconceitos. Esses vieses podem influenciar a percepção e o tratamento das mulheres negras em diferentes contextos, especialmente no laboral (AGUIAR et al., 2022; HASELTON; NETTLE, 2005; WYNN; CORRELL, 2018).

É importante reconhecer e identificar esses vieses e trabalhar para superá-los, promovendo uma maior igualdade de oportunidades para todas as pessoas, independentemente de sua raça ou gênero. Para superar essas barreiras, é necessário um esforço conjunto de toda a sociedade, incluindo políticas públicas que promovam a igualdade de oportunidades, programas de capacitação e formação para mulheres negras, além de uma mudança cultural que valorize a diversidade e combata o preconceito e a discriminação (TABAK; AMARAL, 2018). Tendo esse debate por mote, o objetivo geral desse estudo teórico é analisar os imbricamentos entre as barreiras enfrentadas por mulheres negras empreendedoras e a teoria dos vieses cognitivos. As mulheres negras são frequentemente alvo de preconceitos e discriminações em diversos contextos sociais, o que pode gerar barreiras para seu desenvolvimento pessoal e profissional. A teoria dos vieses cognitivos, por sua vez, busca compreender como nossas percepções e tomadas de decisão são influenciadas por fatores inconscientes e preconceituosos. Nesse sentido, o estudo pretende explorar como os vieses cognitivos podem estar presentes nas relações sociais que envolvem mulheres negras empreendedoras e como isso pode contribuir para a perpetuação das desigualdades de gênero e raça. A partir dessa análise, busca-se fornecer subsídios para o desenvolvimento de estratégias que possam contribuir para a superação dessas barreiras e para a promoção da igualdade de oportunidades para mulheres negras.

## **2. Referencial Teórico**

### **2.1. Mulheres Negras Empreendedoras**

A mulher desempenha um papel significativo no mercado de trabalho, contribuindo de maneira fundamental para a economia e o desenvolvimento social. Através de sua participação, as mulheres trazem habilidades, conhecimentos e perspectivas únicas para o ambiente profissional (SANTOS; ALVES, 2016; MATOS; MACHADO, 2006). No entanto, é importante reconhecer que a mulher ainda enfrenta desafios e desigualdades no mercado de trabalho. Essas desigualdades podem ser observadas em diferentes aspectos, como a segregação ocupacional, a disparidade salarial, a falta de representatividade em cargos de liderança e as barreiras para o avanço na carreira (FERNANDEZ, 2018; OLIVEIRA; RIOS, 2006).

A segregação ocupacional é um fenômeno que ocorre quando as mulheres são direcionadas para ocupações tradicionalmente associadas a papéis de gênero estereotipados, como áreas relacionadas à educação, saúde e serviços domésticos. Essa segregação limita as oportunidades de carreira das mulheres e contribui para a perpetuação de desigualdades salariais (ABRAMO, 2007; IKEDA, 2000). Além disso, a disparidade salarial entre homens e mulheres persiste em muitos setores e países. As mulheres frequentemente recebem salários inferiores aos homens, mesmo quando desempenham funções semelhantes ou até mesmo idênticas. Isso reflete não apenas uma injustiça social, mas também uma perda econômica, pois impede que as mulheres alcancem seu pleno potencial econômico (BRUSCHINI; LOMBARDI, 1996; NOGUEIRA, 2004).

Por sua vez, a mulher negra, além das barreiras supracitadas, enfrenta desafios específicos e desigualdades adicionais no mercado de trabalho, que são resultado da interseção entre o gênero e a raça. Essas desigualdades refletem estruturas sociais complexas e persistentes, que limitam as oportunidades e o avanço profissional delas (RIBEIRO, 2015; CARNEIRO, 2011; COLLINS, 2016; FERNANDES, 2016). A mulher negra é frequentemente afetada pela discriminação racial e de gênero, resultando em barreiras significativas no acesso a empregos de qualidade e em disparidades salariais (NASSIF et al., 2020; BERTOLANI et al., 2018; NATIVIDADE, 2009).

Estudos têm demonstrado que as mulheres negras enfrentam maiores taxas de desemprego em comparação com os homens brancos e as mulheres brancas, mesmo quando possuem níveis semelhantes de qualificação e experiência (NASSIF et al., 2018; BARR, 2015; MOREIRA; BARROS, 2018; MACHADO; PAES, 2021; GOFFMAN, 2004). Além disso, as mulheres negras são mais propensas a serem direcionadas para ocupações de baixa remuneração e com menor prestígio social. Isso ocorre devido à persistência de estereótipos raciais e de gênero que limitam as percepções sobre as capacidades e competências das

mulheres negras (OSÓRIO, 2021; DAVIES, 2009; SANTOS, 2017; OLIVEIRA et al., 2013; BORGES et al., 2020; OLIVEIRA; PESSETI, 2020).

A falta de representatividade também é uma questão crítica para as mulheres negras no mercado de trabalho. A sub-representação em cargos de liderança e tomada de decisão limita a influência e a voz dessas mulheres nas organizações. Além das barreiras estruturais, a mulher negra também enfrenta desafios na conciliação entre trabalho e vida pessoal, devido à sobrecarga de responsabilidades familiares e às limitações de acesso a serviços de apoio, como creches e cuidados infantis (MACHADO; PAES, 2021; JACKSON, 2020). Em razão desse cenário de adversidades, o empreendedorismo é uma estratégia para a geração de renda de tais mulheres. A empreendedora é a pessoa que identifica oportunidades de negócios e assume riscos para criar e desenvolver uma empresa ou organização. O empreendedorismo é o processo de criação e desenvolvimento de negócios ou organizações, envolvendo a identificação e aproveitamento de oportunidades, a alocação de recursos e a gestão de riscos (LEITE, 2001; KORNIEZNIK, 2004).

O empreendedorismo feminino refere-se ao empreendedorismo realizado por mulheres, envolvendo a criação, desenvolvimento e gestão de negócios ou organizações (CAMARGO et al., 2010). O empreendedorismo feminino reconhece e valoriza a contribuição das mulheres para o campo empresarial e busca promover a igualdade de oportunidades e o empoderamento econômico das mulheres (MENDES, 2017). O empreendedorismo negro feminino, por sua vez, refere-se ao empreendedorismo realizado por mulheres negras, que enfrentam desafios e desigualdades específicas devido à interseção entre gênero e raça (MENDES, 2017). Esse reconhece e valoriza a contribuição das mulheres negras para o campo empresarial, enquanto busca enfrentar e superar as barreiras e discriminações enfrentadas por essas mulheres no mercado de trabalho (CAMPOS, 2018). Muitos desses negócios envolvem atividades de serviços domésticos, cabeleireiros e atividades de natureza manual (ABREU; LIMA JÚNIOR, 2020). As mulheres negras empreendedoras enfrentam duplas desvantagens de suas identidades interseccionais por não se enquadrarem no estereótipo de empreendedor dominante, ademais

“Descobrimos que as mulheres negras empresárias enfrentam desafios únicos relacionados com as suas identidades interseccionais como minorias raciais e de gênero. Apesar de uma longa história de trabalho independente e de pequenos negócios, as mulheres negras ainda não se enquadram no estereótipo público contemporâneo de empreendedora. Além disso, devido às suas identidades interseccionais, têm de combater estereótipos negativos presentes na percepção pública e na cultura popular que ameaçam manchar o seu

profissionalismo e imagem pública entre os seus clientes. A maioria dos entrevistados sentiu o peso opressivo de serem julgados negativamente ou atribuídos a esses estereótipos” (JACKSON; SANYAL, 2019, p. 243).

Existem evidências de que as mulheres enfrentam mais dificuldades na obtenção de crédito financeiro (BECKER-BLEASE, SOHL, 2007; BELLUCCI; BORISOV; ZAZZARO, 2010). Paixão (2017) verificou que 22% dos empreendedores negros pesquisados atribuiu à discriminação a não obtenção do aporte financeiro solicitado ao passo que nenhum empreendedor branco citou tal aspecto. Ademais, mais de 60% deles afirmaram ser difícil obter crédito, sendo tal índice também superior ao mencionado por empreendedores brancos. Os empreendedores negros também relataram que se sentem constrangidos dentro dos bancos (41%) ao passo que esse aspecto é pouco citado por pessoas brancas (17%). Por fim, “*os afrodescendentes, em especial, os pretos, foram marcados por pedidos financeiros de menor montante; menor taxa de liberação dos empréstimos solicitados; menor proporção de valores liberados em relação aos valores solicitados; pagam juros maiores; e maior dificuldade de acesso a serviços financeiros em geral*” (PAIXÃO, 2017, p. 7)

## **2.2. Teoria do viés cognitivo e suas interfaces com o empreendedorismo negro feminino**

Os vieses cognitivos podem ser definidos como sendo erros sistemáticos e previsíveis originados da utilização de heurísticas, que são regras práticas adotadas como atalhos mentais para simplificar a resolução de problemas complexos (KAHNEMAN; TVERSKY, 1972; HASELTON; NETTLE, 2005). Tais conceitos desempenham um papel fundamental na economia comportamental, onde são empregados para destacar as restrições na racionalidade humana (KAHNEMAN; TVERSKY, 1982). Em uma perspectiva semelhante, a definição de “viés” pode ser interpretada como qualquer processo cognitivo que direciona os indivíduos a processar informações de maneira consistente com o potencial de obstruir a consecução de seus objetivos (KAHNEMAN; TVERSKY, 1982).

A economia comportamental e a Psicologia Social demonstram a ocorrência diária de decisões baseadas em processos automáticos de baixo esforço cognitivo, caracterizando o sistema de decisão, conforme descrito por Kahneman e Tversky (1982). Embora as heurísticas, que são atalhos eficazes e adaptativos para a sobrevivência, facilitem uma tomada rápida de decisões, elas também predisõem erros previsíveis. Estes vieses se manifestam de várias maneiras e são observados em contextos corporativos (SAMSON, 2015). Além disso, Aguiar et al. (2022) destacam que os vieses cognitivos desempenham um papel na redução das demandas de processamento de informações na tomada de decisão, especialmente em

situações de incerteza, nas quais os tomadores de decisão recorrem a regras práticas de julgamento.

Entre os vieses cognitivos, tem-se o **viés da confirmação** que pode levar a pessoa a buscar informações que confirmem suas crenças preconcebidas, ignorando ou minimizando informações contrárias. Podendo levar a uma subestimação das habilidades e competências das mulheres negras, bem como a uma superestimação dos estereótipos negativos associados a elas (ALLAHVERDYAN; GALSTYAN, 2014; COSTA et al., 2020; DOBELLI, 2014). As disparidades existentes na obtenção de crédito por empreendedores negros também podem ser interpretadas à luz do viés de confirmação, as mulheres negras empreendedoras são o grupo mais vulnerável entre os empreendedores e com menos acesso ao crédito (PAIXÃO, 2017).

“Tais achados acerca do empreendedorismo refletem a colonialidade do poder, o racismo estrutural e a opressão de gênero apontados pela bibliografia. Por conseguinte, revela-se que um setor cujo referencial é a autonomia e a livre iniciativa, oculta, na verdade, exploração do trabalho e reproduz desigualdades, o que é ainda mais agudo entre as mulheres negras” (VIEIRA; BATISTA, 2023, p. 23)

Tem-se ainda o **viés de atribuição**, o qual diz respeito à tendência de explicar o comportamento das outras pessoas com base em características internas (como personalidade ou habilidades) em vez de fatores externos (como circunstâncias ou contexto). Isso pode levar a uma subestimação dos fatores externos que influenciam o comportamento das pessoas, bem como a uma superestimação das características internas (JORDÁN, 2011; FREITAS, 2006). Muitas vezes, as mulheres negras são percebidas de maneira estereotipada e as opressões sofridas ficam invisibilizadas e naturalizadas (MOWATT; FRENCH; MALEBRANCHE, 2013).

Por sua vez, o **viés de seleção de informação** é a tendência de prestar atenção e lembrar mais facilmente informações que são consistentes com as nossas crenças e expectativas prévias, ou seja, uma subestimação de informações que contradizem essas crenças e expectativas, bem como a uma superestimação de informações que as confirmam (TVERSKY; KAHNEMAN, 1974; CLEMEN, 1996; BIRNBERG et al., 2007). O **viés de memória** é a tendência de lembrar mais facilmente informações que são consistentes com as nossas crenças e expectativas prévias, além de ser uma subestimação de informações que contradizem essas crenças e expectativas, bem como a uma superestimação de informações que as confirmam (FERREIRA, 2011; TVERSKY; KAHNEMAN, 1974). O **viés de autoconceito** é a tendência de avaliar as nossas próprias habilidades e características de forma mais positiva do que as dos outros, nada mais que uma subestimação das habilidades e



competências dos outros, bem como a uma superestimação das nossas próprias habilidades e competências (ODEAN, 1998; SHEFRIN; STATMAN, 1985). Conjuntamente, o **viés de expectativa** é a tendência de esperar que as outras pessoas se comportem de uma forma consistente com as nossas crenças e expectativas prévias, levando a uma subestimação do comportamento das pessoas que não se encaixam nessas crenças e expectativas, bem como a uma superestimação do comportamento das pessoas que se encaixam (KELLEY, 1967; ROTTER, 1966). Ademais, o **viés de julgamento** é a tendência de fazer julgamentos rápidos e baseados em estereótipos e preconceitos em vez de avaliar as pessoas com base em suas características individuais. Uma subestimação das habilidades e competências das pessoas que não se encaixam nesses estereótipos e preconceitos, bem como a uma superestimação das habilidades e competências das pessoas que se encaixam (MACHADO, 2018; FERREIRA, 2011).

Tendo em vista o impacto significativo que os vieses podem exercer sobre o comportamento humano, torna-se essencial explorar estratégias e ferramentas destinadas à redução dos vieses, um conceito conhecido como “desenviesamento”, derivado do termo em inglês “*debias*”. Os estudos de desenviesamento representam esforços dedicados a identificar maneiras de evitar ou mitigar a manifestação de um viés esperado em um determinado contexto (TABAK; AMARAL, 2018). O objetivo é alcançar decisões que se aproximem cada vez mais do ideal, a partir de uma perspectiva lógica e racional (LARRICK, 2004). Nesse sentido, é válido analisar de que modo a teoria dos vieses se relaciona com a atividade empreendedora, sendo “importante o reconhecimento de que os vieses cognitivos influenciam a gestão dos investimentos de uma empresa” (LIMA et. al, 2016, p. 19). Massa (2015) defende que, ao tomar decisões, os empreendedores podem sofrer influências das falhas de julgamento, o que traz a possibilidade de serem levados a erros sistemáticos, uma vez que os processos de tomada de decisão são influenciados por processos de reconhecimento que simplificam a realidade: os vieses e heurísticas. Lima et al. (2016) afirmam ainda que, no processo de orçamento de capital, os vieses cognitivos podem ser os principais causadores de desentendimentos entre os responsáveis por tomar decisões. Assim, em concordância com Macedo et al. (2007), os autores consideram fundamental tomar conhecimento dessas estratégias de limitações cognitivas adotadas, para que seja possível compensá-las e gerenciar conflitos.

### 3. Método

Este é um estudo teórico de natureza reflexiva e interpretativa, o qual se fundamentou na literatura científica sobre vieses cognitivos e barreiras enfrentadas por mulheres empreendedoras negras com vistas a compreender as articulações e as inter-relações entre eles, considerando a literatura científica recente, sendo (CRESWELL, 2016; MICHEL, 2015; SOUZA, 2021). Acrescenta-se que no ensaio teórico os procedimentos de coleta de dados e o empirismo não são o foco da argumentação (MENEGETTI, 2011). Como destaca Michel (2015) o ensaio envolve discussão teórica com propósito de defender e analisar racionalmente um ponto de vista ou ideia sem a pretensão de esgotar o assunto.

#### **4. Desenvolvimento**

Conforme analisado no referencial teórico, na interface da teoria do viés cognitivo com o empreendedorismo negro feminino, podem ser levantadas tecituras importantes. Dentre as barreiras enfrentadas por empreendedoras negras mencionadas por Aguiar (2022), estão estereótipo, falta de credibilidade, machismo, sexismo e discriminação racial. Nesse sentido, é fundamental compreender como esses vieses cognitivos e barreiras afetam a trajetória e o sucesso das empreendedoras negras. A literatura científica recente tem apontado para a necessidade de políticas e ações afirmativas que visem combater essas desigualdades e promover a inclusão das mulheres negras no empreendedorismo (FAIRLIE; ROBB, 2007; COLEMAN; ROBB, 2009; COLLINS; LOW, 2010; CARTER et al., 2015; BEWAJI et al., 2015; VERDUIJIN; ESSERS, 2013; SMITH; TOLBERT, 2018; HORNE, 2016; SMITH-HUNTER; BOYD, 2004). Destaca-se ainda a relevância de se reconhecer e valorizar as habilidades e competências das empreendedoras negras, bem como oferecer suporte e recursos adequados para o desenvolvimento de seus negócios (GEE; PEEK, 2018). Além disso, é fundamental promover a conscientização e o combate aos vieses cognitivos que podem influenciar negativamente as percepções e oportunidades dessas empreendedoras (AGUIAR et al., 2016; HASELTON; NETTLE, 2015).

No âmbito do empreendedorismo negro feminino, é necessário considerar a interseccionalidade, ou seja, a interação entre gênero, raça e outros aspectos da identidade (SANTOS, 2009). Essa abordagem permite uma compreensão mais ampla das experiências das empreendedoras negras e a adoção de medidas específicas para enfrentar as barreiras (CAMPOS, 2018). O estudo teórico sobre vieses cognitivos e barreiras enfrentadas por mulheres empreendedoras negras contribui para a compreensão dos desafios que essas empreendedoras enfrentam e destaca a importância de ações afirmativas e políticas inclusivas para promover a igualdade de oportunidades no empreendedorismo.



Aguiar et al. (2022) destacam que não existem estudos robustos no Brasil que investiguem as dificuldades enfrentadas por mulheres empreendedoras negras, sendo urgente o desenvolvimento de estudos que investiguem os fatores críticos de sucesso de negócios gerenciados por tais mulheres. A partir de uma revisão narrativa de literatura eles classificam os desafios enfrentados por mulheres empreendedoras negras em categorias, a saber: (a) conflito trabalho-família, (b) vida em comunidade, (c) recursos financeiros, (d) discriminação socioeconômica, (e) desvantagem educacional, (f) falta de modelos, (g) medo do fracasso. Especificamente em relação à disponibilidade de recursos financeiros, se observa que tais mulheres vivenciam mais dificuldades para ter acesso ao crédito e as taxas de juros são mais elevadas. Ademais, destacam que “as pesquisas nacionais e internacionais deixam claro que as mulheres negras têm dificuldades de gerenciar seus negócios por conta das ameaças de estereótipos que influenciam e põem em risco seus negócios” (AGUIAR et al., 2022, p. 19). Ao analisar esses achados podem ser identificados diversos vieses cognitivos, tais como, (a) **vies de estereótipo**, pois as empreendedoras negras podem ser afetadas por estereótipos negativos que influenciam a forma como são percebidas e colocam seus negócios em risco, sendo que esses estereótipos podem levar à discriminação e à falta de oportunidades de crescimento (ODEAN, 1998; SHEFRIN; STATMAN, 1985), (b) **vies de confirmação** com a falta de modelos e representatividade pode reforçar a percepção de que as mulheres empreendedoras negras enfrentam mais desafios e têm menos chances de sucesso, levando à falta de confiança e desmotivação na busca de oportunidades empreendedoras (ALLAHVERDYAN; GALSTYAN, 2014; COSTA et al., 2020; DOBELLI, 2014), (c) **vies de disponibilidade** com a falta de pesquisas nacionais e internacionais robustas sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres empreendedoras negras pode levar a uma falta de conscientização e compreensão dessas questões, podendo resultar em uma falta de políticas e programas direcionados para apoiar e promover o sucesso dessas mulheres (KELLEY, 1967; ROTTER, 1966). É importante reconhecer esses vieses cognitivos para criar um ambiente mais inclusivo e igualitário para as mulheres empreendedoras negras. Isso envolve o combate aos estereótipos, a promoção da representatividade, a conscientização sobre as dificuldades enfrentadas por essas mulheres e o desenvolvimento de políticas e programas específicos para apoiar seu sucesso no empreendedorismo.

A presença de estereótipos e discriminação de experienciadas por mulheres negras que buscam o empreendedorismo como alternativa de trabalho e renda traz efeitos emocionais e afetivos os quais podem se tornar dificultadores adicionais e e riscos para os negócios (STEELE; ARONSON, 1995).

O estudo desenvolvido por Machado e Paes (2021) destaca os desafios enfrentados por mulheres negras na economia de Rio Grande, RS, incluindo situações de racismo, submissão e dificuldade de acesso a crédito. O viés cognitivo é apontado como um condicionante para a perpetuação do racismo. Balog et al. (2021) investigaram a percepção de mulheres empreendedoras sociais negras no Rio de Janeiro durante a crise da Covid-19, revelando desafios ligados à vulnerabilidade social. Foi realizada uma pesquisa qualitativa com 10 mulheres em fase inicial do seu negócio, e que participaram de uma capacitação. Os resultados mostram que essas mulheres possuem vulnerabilidade e lutam pela quebra de barreiras, muitas invisíveis.

Os estudos investigados pesquisaram diversas facetas do empreendedorismo negro feminino e destacaram as dificuldades enfrentadas por mulheres empreendedoras negras, evidenciando as facetas racial e de gênero. Apesar dos estereótipos recorrentes, as empreendedoras superam adversidades com perseverança e autorrealização, identificando oportunidades e contando com redes de apoio (SMITH-HUNTER; BOYD, 2004; BARR, 2015; JACKSON, 2020). Aspectos emocionais, como solidariedade e sentimentos de resiliência, são fundamentais (JACKSON, 2020). O equilíbrio entre afetividade e cognição é crucial para superar discriminações de gênero e raça (NASSIF et al., 2020; JACKSON, 2020).

A falta de modelos positivos afeta a autoconfiança dessas mulheres (CASTRO; ABRAMOVAY, 2002; MARIANO; CARLOTO, 2009; BAPTISTA et al., 2018; DAVIS, 2016; BECKWITH et al., 2016). Estudos mostram que mulheres negras enfrentam obstáculos como falta de suporte, acesso a financiamento e vieses raciais, sendo necessárias ações afirmativas, políticas inclusivas e conscientização para promover a igualdade no mercado de trabalho (GEE; PECK, 2018). Combater o racismo estrutural, promover diversidade e inclusão, além de oferecer suporte e oportunidades, são fundamentais para superar as barreiras que muitas vezes as levam a empreender (FAIRLIE; ROBB, 2007; COLEMAN; ROBB, 2009; COLLINS; LOW, 2010; CARTER et al., 2015; BEWAJI et al., 2015; VERDUIJN; ESSERS, 2013; SMITH; TOLBERT, 2018; HORNE, 2016; SMITH-HUNTER; BOYD, 2004).

A invisibilidade das mulheres negras no empreendedorismo também é uma questão crítica (OLIVEIRA et al., 2013; BAPTISTA et al., 2018). Os resultados apontam para a interseccionalidade entre gênero e raça como uma dimensão fundamental na compreensão das experiências das mulheres negras empreendedoras. As discriminações enfrentadas são multifacetadas e influenciadas por fatores sociais e culturais (NASSIF et al., 2020; BAPTISTA et al., 2018). O contexto social, econômico e cultural cria barreiras específicas

para as mulheres negras, que enfrentam não apenas o gênero, mas também o racismo estrutural.

## 5. Considerações Finais

A análise dos artigos mostra que as barreiras enfrentadas por mulheres negras empreendedoras são permeadas por diversos vieses cognitivos, muitas vezes, tais atalhos de julgamento estão associados com os papéis sociais esperados das mulheres e pelo contexto social desfavorável vivenciado por muitas delas. Ademais, fica evidente que as mulheres negras empreendedoras enfrentam desafios significativos em decorrência de fatores como discriminação racial, gênero, estereótipos e falta de representatividade. Essas barreiras são complexas e interseccionais, resultando da interação entre gênero e raça. As pesquisas destacam a importância de compreender essas experiências sob uma perspectiva interseccional, reconhecendo a multiplicidade de opressões que as mulheres negras enfrentam.

Os vieses cognitivos desempenham um papel crucial na perpetuação dessas desigualdades, influenciando a percepção e o tratamento das mulheres negras em diferentes contextos. O reconhecimento e a superação desses vieses são fundamentais para promover uma maior igualdade de oportunidades e combater a discriminação. Estratégias de desviesamento devem ser exploradas e implementadas em diversas esferas, desde as interações sociais até as dinâmicas organizacionais.

Ainda sobre as políticas públicas, um aspecto a ser destacado é a ampliação do acesso ao crédito para tais empreendedoras e, nessa direção cabe reforçar a necessidade de maior divulgação das linhas de microcrédito produtivo focadas nos microempreendedores (MEIs) pardos e pretos, apregoadas Estatuto da Igualdade Racial (Art. 41). “Art. 41. As ações de emprego e renda, promovidas por meio de financiamento para constituição e ampliação de pequenas e médias empresas e de programas de geração de renda, contemplarão o estímulo à promoção de empresários negros”.

A invisibilidade das mulheres negras no empreendedorismo é uma questão que merece atenção especial (OLIVEIRA et al., 2013; BAPTISTA et al., 2018). A falta de modelos positivos e de representatividade contribui para a falta de autoconfiança e para a perpetuação de estereótipos negativos (CASTRO; ABRAMOVAY, 2002; MARIANO; CARLOTO, 2009). A promoção de modelos de sucesso de mulheres negras empreendedoras pode desafiar esses estereótipos e inspirar outras mulheres a buscar seus objetivos no mundo dos negócios (FAIRLIE; ROBB, 2007; COLEMAN; ROBB, 2009; COLLINS; LOW, 2010).

É crucial para a sociedade como um todo reconhecer e enfrentar essas barreiras, promovendo políticas públicas que fomentem a igualdade de oportunidades, programas de capacitação e formação específicos para mulheres negras empreendedoras, e uma mudança cultural que valorize a diversidade e combata o preconceito e a discriminação (BEWAJI et al., 2015; VERDUIJN; ESSERS, 2013; SMITH; TOLBERT. 2018; HORNE, 2016; SMITH-HUNTER; BOYD, 2004). O empreendedorismo negro feminino é uma estratégia importante para a geração de renda e o empoderamento econômico, e sua promoção requer um esforço coletivo e contínuo (DAVIES, 2009; SANTOS, 2017; OLIVEIRA et al., 2013; BORGES et al., 2020; OLIVEIRA; PESSETI, 2020).

### Referências

ABRAMO, L. W. *A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma força de trabalho secundária?* 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.8.2007.tde-23102007-141151>. Acesso em: 16 nov. 2023.

ABREU, A. K.; LIMA JÚNIOR, A. T. Igualdade racial. In: *Políticas sociais: acompanhamento e análise*, Brasília, Ipea, n. 27, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3zszFRf>.

AGUIAR, H. M. *Mulheres negras empreendedoras no Brasil: suas barreiras e comportamento de superação para empreender*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Administração) - Universidade Nove de Julho, São Paulo, p. 94, 2022.

AGUIAR, H. M. NASSIF, V. M. J.; GARÇON, M. M. Empreendedoras negras no Brasil - Um estudo exploratório sobre adversidades e superação. *South American Development Society Journal*, v. 8, n. 23, p. 237, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.24325/issn.2446-5763.v8i23p237-258>. Acesso em: 16 nov. 2023.

ALLAHVERDYAN, A. E.; GALSTYAN, A. Opinion Dynamics with confirmation bias. *PLoS ONE*, v. 9, n. 7, p. e 99557, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0099557>. Acesso em: 16 nov. 2023.

BALOG, D. L. T.; ZOUAIN, D. M.; TEIXEIRA, A. C. C. Black female entrepreneurs in Rio: challenges of COVID-19. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, v. 15, n. 1, p. 1-18, 2021.

BAPTISTA, R. M.; BANDEIRA, M. L.; SOUZA, M. T. S. de. *A invisibilização do negro no trabalho escravo contemporâneo: evidências a partir das condições de vulnerabilidade social*. *Organizações & Sociedade*, v. 25, n. 87, p. 676-703, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-9250877>. Acesso em: 16 nov. 2023.

BARR, M. S. Minority and women entrepreneurs: Building capital, networks, and skills. *The Hamilton Project Discussion Paper 2015-03*. The Brookings Institution, 2015. Disponível em: <https://repository.law.umich.edu/other/78>. Acesso em: 16 nov. 2023.

BECKER-BLEASE, J. R.; SOHL, J. E. Do women-owned businesses have equal access to angel capital? *Journal of Business Venturing*, v. 22, n. 4, p. 503-521, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2006.06.003>. Acesso em: 16 nov. 2023.

BELLUCCI, A.; BORISOV, A.; ZAZZARO, A. Does gender matter in bank–firm relationships? Evidence from small business lending. *Journal of Banking & Finance*, v. 34, n. 12, p. 2968–2984, 2010. doi:10.1016/j.jbankfin.2010.07.008.

BERTOLAMI, M.; ARTES, R.; GONÇALVES, P. J.; HASHIMOTO, M.; LAZZARINI, S. G. Sobrevivência de Empresas Nascentes: Influência do Capital Humano, Social, Práticas Gerenciais e Gênero. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 22, n. 3, p. 311-335, 2018.

BEWAJI, T.; YANG, Q.; HAN, Y. Funding accessibility for minority entrepreneurs: An empirical analysis. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, v. 22, n. 4, p. 716-733, 2015.

BIRNBERG, J. G.; LUFT, J.; SHIELDS, M. D. Psychology theory in management accounting research. *Handbooks of management accounting research*, v. 1, p. 113-135, 2007.

BORGES, A. F.; ENOQUE, A. G.; NETO, R. M.; RISSI, F. H. Retratos do Empreendedorismo Étnico-Racial: um estudo sobre a trajetória de Empreendedores Negros. In: *Anais do XI EGEPE - Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 2020. DOI: 10.14211/xi-egepe- 118148.

BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. O trabalho da mulher brasileira nos primeiros anos da década de 90. In: *10º Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, 1996, Caxambu. Anais. Belo Horizonte: ABEP, v. 1. p. 483-516, 1996.

CAMARGO, D. et al. O significado da atividade empreendedora: as práticas da mulher brasileira em 2008. In: GIMENEZ, F. A.; RAMOS, J.M. *Empreendedorismo e estratégia em empresas de pequeno porte* (pp.106-132). Curitiba: Champagnat, 2010.

CAMPOS, A. A. *A valorização do negro no Brasil e o afroempreendedorismo*. Monografia (Graduação) - Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018.

CARNEIRO, S. *Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>. Acesso em: 22 out. 2023.

CARTER, D. R.; PETERS, T. The underrepresentation of African American women in executive leadership: What's getting in the way. *Journal of Business Studies Quarterly*, v. 7, n. 4, p. 115-134, 2016.

CARTER, S. et al. Barriers to ethnic minority and women's enterprise: Existing evidence, policy tensions and unsettled questions. *International Small Business Journal*, v. 33, n. 1, p. 49-69, 2015.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. *Cadernos de pesquisa*, n. 116, p. 143-176, 2002.



CLEMEN, R. T. *Making hard decisions: an introduction to decision analysis*. Belmont, CA: Duxbury Press, 1996.

COLEMAN, S.; ROBB, A. A comparison of new firm financing by gender: evidence from the Kauffman Firm Survey data. *Small Business Economics*, v. 33, p. 397-411, 2009.

COLLINS, J.; LOW, A. Asian female immigrant entrepreneurs in small and medium-sized businesses in Australia. *Entrepreneurship and Regional Development*, v. 22, n. 1, p. 97-111, 2010.

COLLINS, P. H. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, [s.l.], v. 31, n. 1, p. 99-127, abr. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69922016000100006>.

COMBS, G. M. The duality of race and gender for managerial African American women: Implications of informal social networks on career advancement. *Human Resource Development Review*, v. 2, n. 4, p. 385-405, 2003.

COSTA, D. F.; CARVALHO, F. M.; MOREIRA, B. C. M.; SILVA, W. S. Viés de confirmação na tomada de decisão gerencial: Um estudo experimental com gestores e contadores. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 14, e164200, 2020. <http://doi.org/10.11606/issn.1982-6486.rco.2020.164200>.

CRESWELL, J. W. *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches*. Sage publications, 2016.

DAVIES, F. A. Identidades de sucesso: breve reflexão sobre os empresários negros brasileiros. *Plural*, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 75-94, 2009. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2009.74596>.

DAVIS, A. *O legado da escravidão: parâmetros para uma nova condição da mulher*. 2016.

DOBELLI, R. *A arte de pensar claramente: Como evitar as armadilhas do pensamento e tomar decisões de forma mais eficaz*. 2ª ed. Objetiva, 2014.

ESTATUTO da igualdade racial: Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, e legislação correlata. 4. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Ed. Câmara, 2015. 116 p

FAIRLIE, R. W.; ROBB, A. M. Why Are Black-Owned Businesses Less Successful than White-Owned Businesses? The Role of Families, Inheritances, and Business Human Capital. *Journal of Labor Economics*, v. 25, n. 2, p. 289–323, 2007.

FERNANDES, D. A. O gênero negro: apontamentos sobre gênero, feminismo e negritude. *Revista Estudos Feministas*, [s.l.], v. 24, n. 3, p. 691-713, dez. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p691>.

FERNANDEZ, B. P. M. Economia feminista: metodologias, problemas de pesquisa e propostas teóricas em prol da igualdade de gêneros. *Revista de Economia Política*, v. 38, n. 3, p. 559-583, 2018.

FERREIRA, V. R. M. *A cabeça do investidor: conheça suas emoções para investir melhor*. Editora Évora, 2011.



FISCHHOFF, B. *For Those Condemned to Study Past: Heuristics and Biases In Hindsight* [w:] Kahneman D., Slovic P., Tversky A. 1982.

FREITAS, A. U. *Avaliando o comportamento do gestor especialista em ações sob a ótica de Behavioral Finance*. 2006. 58 f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Economia) - Faculdades Ibmecc, Programa de Pós-Graduação em Economia, Rio de Janeiro, 2006.

GEE, B.; PECK, D. Metrics of the glass ceiling at the intersection of race and gender. *Strategic HR Review*, v. 17, n. 3, p. 110-118, 2018.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 2004.

GUIMARÃES, A. S. A. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 1999.

HALL, J. C.; EVERETT, J. E.; HAMILTON-MASON, J. Black women talk about workplace stress and how they cope. *Journal of Black Studies*, v. 43, n. 2, p. 207-226, 2011.

HASELTON, M. G.; NETTLE, D.; ANDREWS, P. W. The Evolution of Cognitive Bias. In: BUSS, D. M. (Org.). *The Handbook of Evolutionary Psychology*. John Wiley & Sons, Inc., p. 724–746, 2005.

HASELTON, M. G.; NETTLE, D.; ANDREWS, P. W. The evolution of cognitive bias. *The handbook of evolutionary psychology*, p. 724-746, 2015.

HORNE, K. N. *Female entrepreneurial self-efficacy among three ethnicities*. 2016. Tese de Doutorado. Capella University.

IKEDA, M. *Remuneração por Gênero no Mercado de Trabalho Formal: Diferenças e Possíveis Justificativas*. Texto para Discussão n. 82. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, p. 26, 2000.

JACKSON, T. M. We have to leverage those relationships: how Black women business owners respond to limited social capital. *Sociological Spectrum*, v. 41, n. 2, p. 137-153, 2020. <https://doi.org/10.1080/02732173.2020.1847706>.

JACKSON, T. M.; SANYAL, P. *Struggles and Strategies of Black Women Business Owners in the U.S.* *Journal of Business Anthropology*, v. 8, n. 2, p. 228–249, 2019. <https://doi.org/10.22439/jba.v8i2.5850>

JORDÁN, J. *Introducción al análisis de inteligencia*. Universidad de Granada, 2011.

KAHNEMAN, D.; TVERSKY, A. *Judgment under uncertainty: heuristics and biases*. Cambridge University Press, 1982.

KAHNEMAN, D.; TVERSKY, A. *Subjective probability: A judgment of representativeness*. *Cognitive Psychology*, v. 3, n. 3, p. 430–454, 1972.

KELLEY, H. H. *Attribution theory in social psychology*. In: *Nebraska symposium on motivation*. University of Nebraska Press, 1967.

KORNIJENZK, F. B. S. *Características empreendedoras de pequenos empresários de Brasília. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2004.*

LARRICK, R. P. *Debiasing. In: KOEHLER, D. J.; HARVEY, N. (Eds.). Blackwell handbook of judgment and decision making. Oxford, England: Blackwell Publishers, p. 316–338, 2004.*

LEITE, E. F. *O fenômeno do empreendedorismo e as empresas de base tecnológica. In: SOUZA, E. C. L. (Org.). Empreendedorismo: competência essencial para pequenas e médias empresas, pp. 84-102. Brasília: ANPROTEC, 2001.*

LEONE, E. T. *Renda familiar e trabalho da mulher na região metropolitana de São Paulo nos anos 80 e 90. Texto para Discussão. IE/UNICAMP, Campinas, n. 81, jul. 1999.*

LIMA, A. C. et al. *Vieses cognitivos no orçamento de capital. Contabilidade Vista & Revista, v. 27, n. 2, p. 1-22, 2016.*

MACEDO, M. A. S. et al. *Processo decisório gerencial: um estudo do modelo descritivo de tomada de decisão aplicado a pequenos empreendedores. Revista da Micro e Pequena Empresa, v. 1, n. 1, p. 24-37, 2007.*

MACHADO, A. M. *O impacto de vieses cognitivos sobre a imparcialidade do conteúdo de Inteligência. Revista Brasileira de Inteligência, n. 13, p. 1-16, 2018.*

MACHADO, S. S. P.; PAES, K. D. *Os desafios enfrentados pelas mulheres negras empreendedoras na cidade de Rio Grande - RS. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v. 7, n. 5, p. 45693-45715, maio 2021. <https://doi.org/10.22533/at.ed.64221171124>.*

MARIANO, S. A.; CARLOTO, C. M. *Gênero e combate à pobreza: Programa Bolsa Família. Revista Estudos Feministas, v. 17, p. 901-908, 2009.*

MASSA, R. M. *Alheios ao risco: influências das falhas de julgamento dos empreendedores na avaliação de oportunidades. 2015. (Dissertação de mestrado). Fundação Getúlio Vargas, 2017.*

MATOS, R. S.; MACHADO, A. F. *Diferencial de rendimento por cor e sexo no Brasil (1987-2001). Revista Econômica, v. 8, n. 1, p. 5-27, 2006.*

MENDES, J. *Empreendedorismo 360°: A prática na prática. 3ª ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2017.*

MENEGHETTI, F. K. *O que é um ensaio teórico? RAC-Revista de Administração Contemporânea, v. 15, n. 2, pág. 320-332, 2011.*

MICHEL, M. H. *Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015.*

MOREIRA, G. J.; BARROS, D. E. C. *Mulheres empreendedoras, do terceiro mundo, multitarefadas. Revista Letras Raras, v. 7, n. 2, p. 321-337, 2018. <https://doi.org/10.35572/rlr.v7i2.997>.*

MOWATT, R. A.; FRENCH, B. H.; MALEBRANCHE, D. A. *Black/female/body hypervisibility and invisibility: A Black feminist augmentation of feminist leisure research. Journal of Leisure Research, v. 45, n. 5, p. 644-660, 2013.*

NASSIF, V. M. J.; HASHIMOTO, M.; BORGES, C.; LA FALCE, J.; LIMA, E. O. *Influência das Ameaças de Gênero e Comportamento de Superação na Satisfação de Empreendedoras. Future Studies Research Journal: Trends and Strategies*, v. 12, n. 3, 2020. <https://doi.org/10.24023/FutureJournal/2175-5825/2020.v12i3.540>.

NASSIF, V. M. J.; LEÃO, A. L. D. B. C.; GARÇON, M. M. *O Afetivo e o Cognitivo de Mãos Dadas: Uma avaliação das ameaças e comportamentos de superação no empreendedorismo por mulheres. In: Anais do SEMEAD. SEMEAD, São Paulo-SP, 2018. ISSN 2177-3866*

NATIVIDADE, D. R. da. *Empreendedorismo feminino no Brasil: políticas públicas sob análise. Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, RJ, v. 43, n. 1, p. 231 a 256, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0034-76122009000100011>.*

NOGUEIRA, C.M. *A feminização no mundo do trabalho. Campinas: Autores Associados, 2004.*

ODEAN, T. *Are investors reluctant to realize their losses? The Journal of finance*, v. 53, n. 5, p. 1775-1798, 1998.

OLIVEIRA JR., A. B.; OLIVEIRA PESSETI, A. *Empreendedorismo Negro: Empoderamento, Identidade e Nicho de Mercado. In: XLIV Encontro da Anpad - Enanpad, versão online pp. 2177-2576, 2020.*

OLIVEIRA, A. M. H. C.; RIOS-NETO, E. L. G. *Tendências da desigualdade salarial para coortes de mulheres brancas e negras no Brasil. Revista de Estudos Econômicos*, v. 36, n. 2, 2006.

OLIVEIRA, J. S.; PEREIRA, J. A.; SOUZA, M. C. D. *Empreendedorismo, cultura e diversidade: a participação dos empreendedores negros nas atividades empreendedoras no Brasil no período de 1990 a 2008. Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, v. 11, n. 2, p. 7-30, 2013. <https://doi.org/10.19094/contextus.v11i2.32161>

OSÓRIO, R. G. *A desigualdade racial no Brasil nas três últimas décadas. Texto para Discussão. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília; Rio de Janeiro: Ipea, 2021.*

PAIXÃO, M. J. P. *Acesso ao crédito produtivo pelos microempreendedores afrodescendentes: desafios para a inclusão financeira no Brasil. Salvador: BID, 2017.*

RIBEIRO, D. *Feminismo negro para um novo marco civilizatório. Sur 24*, v. 13, n. 24, p. 99-104, 2016.

RIBEIRO, D. *Simone De Beauvoir E Judith Butler: Aproximações e Distanciamentos e os Critérios da Ação Política. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, p. 103, 2015.*

ROTTER, J. B. *Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement. Psychological monographs: General and applied*, v. 80, n. 1, p. 1, 1966.

SAMSON, A. *Introdução à economia comportamental e experimental. In: ÁVILA, F.; BIANCHI, A. M. (Orgs.). Guia de economia comportamental e experimental. 1. ed. São Paulo: p. 26–38, 2015. Disponível em: <http://www.economiacomportamental.org/guia-economia-comportamental.pdf>.*

SANTOS, B. M.; ALVES, J. S. A Evolução da Mulher no Mercado de Trabalho: Comparação entre Ontem e Hoje. *FABE em Revista*, Bertioga, v. 8, 2016. <http://www.fabeemrevista.com.br/8/integra/03.pdf>

SANTOS, E. L. S. *Relações raciais e empreendedorismo: um estudo sobre negros empreendedores na região metropolitana do Rio de Janeiro*. 2017. 168 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

SANTOS, J. A. F. A interação estrutural entre a desigualdade de raça e de gênero no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 24, n. 70, p. 37-60, 2009.

SHEFRIN, H.; STATMAN, M. The disposition to sell winners too early and ride losers too long: Theory and evidence. *The Journal of finance*, v. 40, n. 3, p. 777-790, 1985.

SILVA DE OLIVEIRA, J.; SANTOS, E. L. S. Práticas, Raça e Organizações Empreendedoras: Um Estudo com Negros Empreendedores na Região Metropolitana da Cidade do Rio de Janeiro. *Revista Ciências Administrativas*, [S. l.], v. 26, n. 3, 2021. DOI: 10.5020/2318-0722.2020.26.3.9718.

SMITH, B.; TOLBERT, C. M. Financial motivations and small business longevity: The effects of gender and race. *Journal of Developmental Entrepreneurship*, v. 23, n. 4, p. 1850024, 2018.

SMITH, B.; TOLBERT, C. M. Financial motivations and small business longevity: the effects of gender and race. *Journal of Developmental Entrepreneurship*, v. 23, n. 04, p. 1850024, 2018.

SMITH-HUNTER, A. E.; BOYD, R. L. Applying theories of entrepreneurship to a comparative analysis of white and minority women business owners. *Women in Management Review*, v. 19, n. 1, p. 18-28, 2004.

SOARES, Y. Viés de gênero em consumo. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 199-232, ago. 2002.

SOUZA, R. A. The foundations of pedagogy by John Dewey: a reflection on pragmatist epistemology. *Rev Contrap Eletr*, v. 12, n. 2, p. 227-33, 2012.

STEELE, C. M.; ARONSON, J. Stereotype threat and the intellectual test performance of African Americans. *Journal of personality and social psychology*, v. 69, n. 5, p. 797, 1995.

TABAK, B. M.; AMARAL, P. H. R. Vieses cognitivos e desenho de políticas públicas. *Revista Brasileira de Políticas Públicas*, Brasília, v. 8, n. 2, p. 472-491, 2018.

TVERSKY, A.; KAHNEMAN, D. Judgment under Uncertainty: Heuristics and Biases: Biases in judgments reveal some heuristics of thinking under uncertainty. *Science*, v. 185, n. 4157, p. 1124-1131, 1974.

VERDUIJN, K.; ESSERS, C. Questioning dominant entrepreneurship assumptions: the case of female ethnic minority entrepreneurs. *Entrepreneurship & Regional Development*, v. 25, n. 7-8, p. 612-630, 2013.

VIEIRA, R. S. C.; BATISTA, A. COLONIALIDADE DO PODER E TRABALHO PRECÁRIO: O IMPACTO DA COVID-19 NOS NEGÓCIOS DE EMPREENDEDORAS NEGRAS. *Gavagai - Revista Interdisciplinar de Humanidades*, v. 9, n. 2, p. 12-27, 22 mar. 2023.

WYNN, A.T.; CORRELL, S. J. Combating Gender Bias in Modern Workplaces. In: RISMÁN, B.; FROYUM, C.; SCARBOROUGH, W. (Orgs.). *Handbook of the Sociology of Gender*. 1. ed. Springer, Cham, 2018. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-76333-0\\_37](https://doi.org/10.1007/978-3-319-76333-0_37)

## **Barreras cognitivas y sesgos que enfrentan las mujeres emprendedoras negras: un estudio teórico**

### **Resumen**

Pocos estudios han investigado las experiencias de las mujeres empresarias negras; los realizados señalan una variedad de obstáculos, incluidas cuestiones relacionadas con el género, los prejuicios, la sociedad patriarcal, el papel esperado de las mujeres en la sociedad, con una doble amenaza estereotipada para las mujeres negras, la raciales y de género. Este tipo de mujeres suelen emprender debido a la dificultad, tienen más dificultad para conseguir financiación, lo que pone de relieve la existencia de sesgos cognitivos, que son atajos mentales utilizados en la toma de decisiones. Las barreras que enfrentan las empresarias negras están plagadas de varios sesgos cognitivos; a menudo, estos atajos de juicio están asociados con los roles sociales que se esperan de las mujeres y el contexto social desfavorable que experimentan muchas de ellas. Además, está claro que las empresarias negras enfrentan desafíos importantes debido a factores como la discriminación racial, el género, los estereotipos y la falta de representación. Estas barreras son complejas e interseccionales y resultan de la interacción entre género y raza. Es esencial que las intervenciones y políticas públicas se desarrollen en diferentes niveles, desde el individual hasta el social.

Palabras claves: Emprendimiento por parte de minorías; empresarios negros; mujeres negras y negocios; emprendimiento negro; emprendimiento por parte de los negros.

## **Cognitive barriers and biases faced by black women entrepreneurs: a theoretical study**

### **Abstract**

Few studies have investigated the experiences of black women entrepreneurs, those carried out point to a variety of obstacles, including issues related to gender, prejudice, patriarchal society, the expected role of women in society, with a double stereotype threat for black women, the racial and gender. Such women tend to undertake due to difficulty, they have more difficulty obtaining financing, which highlights the existence of cognitive biases, which are mental shortcuts used in decision making. The barriers faced by black women entrepreneurs are permeated by several cognitive biases, often such shortcuts in judgment are associated with the social roles expected of women and the unfavorable social context experienced by many of them. Furthermore, it is clear that black women entrepreneurs face significant challenges due to factors such as racial discrimination, gender, stereotypes and lack of representation. These barriers are complex and intersectional, resulting from the interaction between gender and race. It is essential that interventions and public policies are developed at different levels, ranging from the individual to the societal.

Keywords: Entrepreneurship by minorities; black entrepreneurs; black women and business; black entrepreneurship; entrepreneurship by black people.